



ARTIGO

BAILES DE CONGOS DE SÃO BENEDITO EM ITAÚNAS: MEMÓRIAS E SABERES DE MESTRES

Oswaldo Martins de Oliveira

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros na gestão 2022-2024.

Luciana Cruz Carneiro

Tem graduação em Artes Plásticas e mestrado na mesma área pela Universidade Federal do Espírito Santo. É pesquisadora filiada ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFES e atuou como bolsista no projeto de extensão Jongos e Caxambu e no projeto de pesquisa "Africanidades Transatlânticas: cultura, história e memórias afro-brasileiras a partir do Espírito Santo".

Resumo

O objetivo do artigo é analisar memórias e saberes de mestres de agrupamentos de culturas tradicionais, que chamam de tradição e/ou cultura. Trata-se de mestres dos seguintes grupos de “Baile de Congos de São Benedito”: Bongado; Itaúnas e Quilombo Angelim. Todos esses grupos ensaiam e realizam suas festas na vila de Itaúnas e nos seus arredores, no município de Conceição da Barra (ES). Na pesquisa etnográfica, empregamos o método da observação participante em ensaios e eventos festivos, além de realizarmos entrevistas para coleta de dados por meio de narrativas de vida com os mestres. Verificamos, nos resultados da pesquisa, que as memórias dos sujeitos das narrativas remetem para antigos e atuais lugares e personagens que atuaram nos processos de transmissão cultural nos grupos estudados e na vila de Itaúnas. Concluímos que os mestres estão inseridos em um processo de transmissão cultural, pois receberam saberes de seus pais, avós e tios e cumprem as promessas aos ancestrais e ao santo, de transmitirem a tradição para as novas gerações.

Palavras-chave: mestres, memória, saberes tradicionais, Baile de Congos de São Benedito.

Abstract

The objective of the article is to analyze memories and knowledge of masters of groups of traditional cultures, which they call tradition and/or culture. These are masters of the following groups of “Baile de Congos de São Benedito”: Bongado; Itaúnas and Quilombo Angelim. All these groups rehearse and hold their parties in the village of Itaúnas and its surroundings, in the municipality of Conceição da Barra (ES). In the ethnographic research, we used the method of participant observation in rehearsals and festive events, in addition to conducting interviews to collect data through life narratives with the masters. We verified, in the research results, that the memories of the subjects of the narratives refer to ancient and current places and characters that acted in the processes of cultural transmission in the studied groups and in the village of Itaúnas. We conclude that the masters are inserted in a process of cultural transmission, as they received knowledge from their parents, grandparents and uncles and fulfill the promises to the ancestors and the saint, to transmit the tradition to the new generations.

Keywords: masters, memory, traditional knowledge, Baile de Congos de São Benedito.

Introdução¹

Este artigo é um dos resultados dos projetos de pesquisa “Africanidades transatlânticas: cultura, história e memórias afro-brasileiras a partir do Espírito Santo” (2018-2020)² e “Africanidades transatlânticas: história, memórias e culturas afro-brasileiras” (que está em desenvolvimento desde 2021). Nosso obje-

tivo aqui é analisar as memórias sobre as chamadas “tradições” culturais, a partir das narrativas de vida e trajetórias de mestres de saberes de comunidades e agrupamentos tradicionais e quilombolas. O ponto de partida do artigo foi a visão de tais mestres, onde serão analisadas suas demandas por direitos e políticas públicas ao patrimônio cultural e por reconhecimento e salvaguarda de seus bens culturais. Em termos metodológicos, foram realizadas entrevistas, participação e observação em eventos festivos organizados por mestres e lideranças, em especial nos “bailes de congos de São Benedito” na vila de Itaúnas.

Cabe destacar que o conceito de memória é usado aqui a partir de Pollak (1989 e 1992), e não está

relacionado às concepções das memórias oficiais, mas sim das memórias subterrâneas e silenciadas, que sempre vêm à superfície em momentos oportunos e estratégicos. Destacamos ainda, que essas memórias estão relacionadas a lugares, pessoas-personagens, datas e eventos sociais. Ressalta-se também que o termo “narrativas de vida”, que é um conceito teórico-metodológico ligado à etno-sociologia de Bertaux (2010), consiste em associar as técnicas metodológicas dos estudos de caso da antropologia e as generalizações da sociologia, destacando-se que o mais importante são as narrativas dos entrevistados sobre suas próprias experiências de vida.

A partir dos dados coletados, o artigo apresenta um resumo de quatro resultados com diferentes dimensões desses eventos festivos tradicionais, a saber: 1º) as memórias dos mestres remetem aos antigos lugares de realização de eventos festivos em territórios de quilombos no norte do estado do Espírito Santo, que aqui são analisados como lugares de memórias e de tradições culturais; 2º) as lembranças do passado são acionadas como símbolos demarcadores do pertencimento e identificação às comunidades quilombolas; 3º) os eventos festivos são considerados oportunos para estabelecer e consolidar laços de amizade e de parentesco, pois neles têm ocorrido acordos de alianças matrimoniais entre os futuros cônjuges e suas famílias; 4º) nos bailes de congos dedicados a São Benedito, ocorrem discursos políticos de denúncia de expropriação dos territórios quilombolas, dos descasos das autoridades políticas e governamentais em relação à saúde, à educação, aos transportes e à geração de emprego, não apenas aos quilombolas, mas a todos os brasileiros. Descrições e análises mais detalhadas serão apresentadas a seguir a partir das narrativas de vida de mestres das chamadas tradições culturais existentes na vila de Itaúnas.

O presente artigo, que consiste na descrição e análise das memórias dos mestres de três bailes de congo, está organizado em 05 (cinco) partes, distribuídas como segue: 1ª) uma explanação sobre o que se

entende por baile de congos e as memórias dos lugares dessas tradições culturais em Itaúnas; 2ª) o Baile de Congos de São Benedito do Bongado e as lideranças de Anísio Ribeiro e Wantuil Gomes; 3ª) o Baile de Congos de São Benedito de Itaúnas e a liderança de João de Deus Messias Falcão; 4ª) o Baile de Congos de São Benedito do Quilombo do Angelim e a liderança de Caboclinho (Ângelo Camilo); 5ª) as/os festeiras/os de São Benedito e as motivações para o ofício.

Tradições culturais e memórias dos bailes de congos³

O Baile de Congos de São Benedito é uma tradição cultural considerada das comunidades quilombolas por suas lideranças, sendo ele mais conhecido como Ticumbi. No município de Conceição da Barra existem quatro grupos, que realizam suas festas todos os anos entre 30 de dezembro e 20 de janeiro, mas este artigo se refere apenas a três grupos da vila de Itaúnas. Esses bailes são celebrações festivas em homenagem a São Benedito que vem desde meados do século XIX. Ele é considerado pelos mestres uma tradição cultural que os africanos trouxeram da África e que foi recriado pelos escravizados na senzala da Fazenda Itaúnas e pelos quilombolas nas proximidades da vila. O baile é um ritual composto de danças, cantos e discursos dos reis e secretários denominados embaixadas, acompanhados aos sons de violas e pandeiros, sendo os grupos formados por 18 componentes figurantes, sob a liderança do mestre. Esses integrantes são denominados congos, reis, secretários, violeiros e porta-estandarte. Como se verifica em Oliveira (2016; 2009), todos esses figurantes se vestem de branco e portam capacetes enfeitados com flores e fitas coloridas na cabeça. Sobre as roupas brancas eles cruzam em seus ombros e peitos fitas coloridas, como uma espécie de proteção. Os se-

¹ Introdução elaborada sob a autoria de Osvaldo Martins de Oliveira.

² O projeto foi desenvolvido junto às comunidades quilombolas e agrupamentos culturais afro-brasileiros no Espírito Santo e o resultado foi uma parceria celebrada pelo Termo de Cooperação 002/2018 entre a Secretaria de Estado da Cultura (SECULT), a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) e a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A pesquisa foi regida pela Resolução nº 210/2018 e pelo Termo de Outorga 314/2018, e contou, de 2018 a 2020, com financiamento da FAPES e SECULT.

³ Essa primeira parte do artigo foi elaborada por Osvaldo Martins de Oliveira.

cretários e embaixadores dos reis, além de portarem espadas e mantos de chita colorida, levam sobre suas cabeças capacetes confeccionados em forma de animais terrestres e aquáticos, como peixes e dragões.

Como escreve Oliveira (2016; 2009), o baile representa a “guerra” entre dois reis africanos, o Rei de Congo e o Rei de Bamba e seus respectivos secretários. A guerra acontece porque o primeiro rei, convertido ao catolicismo colonial português, proíbe o Rei de Bamba e seus seguidores a realizarem a festa de São Benedito, classificando este rei como pagão. A celebração do baile termina com o Rei de Congo batizando, à força, o Rei de Bamba, como ocorria com os africanos escravizados ao serem desembarcados no Brasil. No entanto, o Rei de Bamba responde ao Rei de Congo em seus discursos, afirmando que ele só foi batizado por estar fora de sua terra, caso contrário, o rei opositor não lhe batizaria.

No que se refere às memórias dos mestres e lideranças sobre os lugares onde ocorriam no passado os bailes de congos, entre esses lugares estão a senzala da fazenda do Barão de Timbuí, os quilombos do sertão de Itaúnas e a antiga vila de Itaúnas. Segundo as memórias dos mestres, nesses lugares ocorriam os ensaios e as festas dos africanos e de seus descendentes escravizados, bem como dos quilombolas. Depois de serem forçados a deixarem suas terras nos quilombos do sertão, os quilombolas e seus parentes e amigos recriaram os bailes de congos e as rodas de jongos nas praças em frente às igrejas da antiga e depois da nova vila, principalmente nas igrejas da vila onde se encontravam e ainda encontramos as imagens de São Benedito.

Para demarcarem esses lugares de memória e de festas, três mestres de bailes de congos, em momentos distintos, guiaram-nos em visitas ao sertão, onde vivia Rafael (o africano) e Pedro Bongado – mestres do Baile de Congos de São Benedito do Bongado no passado -, e às ruínas da antiga Fazenda Itaúnas, para narrarem suas lembranças em relação à origem dos bailes de congos de São Benedito que ainda existem atualmente na vila. Essas ruínas, assim como o

denominado sertão onde existiam os quilombos do passado, podem ser considerados “lugares de memória” (NORA, 1992; POLLAK, 1992) e de surgimento das tradições culturais do jongo e dos bailes de congos existentes na vila.

Um dos primeiros registros históricos sobre Itaúnas, que faz referência à presença negra e suas práticas culturais nas proximidades da vila, vem do relatório de viagem do príncipe Maximiliano (1940), entre 1815 e 1818, quando este naturalista austríaco percorreu com sua expedição o litoral brasileiro, entre o Rio de Janeiro e a Bahia, passando pelo Espírito Santo. Ao passar por São Mateus, no qual incluía a Barra de São Mateus (atual cidade de Conceição da Barra), mencionou a existência de 20 famílias de índios na vila de Santana, e também dos que viviam na Fazenda das Itaúnas, de propriedade de Marcelino da Cunha, ouvidor da comarca de Porto Seguro. Em relação às pessoas negras - denominadas por ele como “gente de cor” - escreveu que em São Mateus se dedicavam ao cultivo da mandioca e à extração de madeira. Ao passo que sobre a Fazenda Itaúnas, escreve que os índios e os negros ocupavam miseráveis choupanas, eram responsáveis para cuidar do gado e fabricavam aguardente de caju e de abacaxi. Segundo o relato do príncipe, ao aproximar-se do local, a comitiva ouviu toques dos tambores dos negros, que em sua opinião, tentavam conservar os costumes do seu país de origem através de festas, danças, instrumentos musicais, pinturas corporais e vestes.

Posteriormente, segundo Russo (2007), essa fazenda passou a pertencer ao Coronel Olindo Gomes dos Santos Paiva, conhecido como Barão de Timbuí (título que recebeu em 1874), sendo este um dos personagens do passado muito mencionado nas memórias dos congos, jongueiros e quilombolas da vila e do entorno dela. Apesar de sua riqueza e poder políticos em São Mateus, representando a vila da Barra de São Mateus, o Barão nunca casou e não deixou herdeiros reconhecidos e seus ex-escravizados permaneceram e constituíram famílias nas terras da fazenda após sua morte, o que fez com que ele permanecesse na

memória dos descendentes de seus ex-escravizados e quilombolas do sertão de Itaúnas. Relatam que, apesar de suas incontáveis maldades, ele aceitava que os escravizados da fazenda realizassem suas festas.

Até meados do século XX, ao que relatam os atuais mestres dos bailes de congos e de jongos, os negros que viviam no sertão transitavam entre o sertão e a antiga vila de Itaúnas vendendo farinha para comprar outros gêneros alimentícios. Com a chegada das empresas de monocultura de eucaliptos nas décadas de 1960 e 1970, muitos desses negros e quilombolas perderam as terras que ocupavam e foram forçados a migrarem para a vila e para as periferias de Conceição da Barra, São Mateus, Pedro Canário e Braço do Rio (distrito de Conceição da Barra), mas o sertão e as práticas culturais que realizavam nele nunca saiu de suas memórias e de seus modos de celebrar.

Em meados do século XX, por volta de 1960, devido aos desmatamentos na região para o plantio de eucaliptos, acelerou-se a velocidade dos ventos, ocasionando nos anos seguintes o soterramento da antiga vila de Itaúnas pelas dunas de areia. Com isso, as imagens dos santos, inclusive a de São Benedito, que existiam na igreja da vila foram levadas para a sede da Diocese de São Mateus. Os mestres narram que, certa vez, um subdelegado que atuava em Itaúnas, conhecido como Pitônio, estava em São Mateus, nas proximidades da sede da Diocese, e viu um padre lançando a imagem de São Benedito na lata de lixo, quando então solicitou a imagem. Tempos depois, Pitônio construiu uma capela para o santo em seu sítio na localidade denominada Córrego do Cedro, no sertão de Itaúnas, onde o Baile de Congos de São Benedito do Bongado, a partir de então, passou a realizar as festas. Com a morte de Pitônio, os herdeiros decidiram vender o sítio, e seu filho Andronino Binduca tornou-se o guardião da imagem de São Benedito, mas mudou-se para o município de Pedro Canário. Diversos congos integrantes do Bongado entendiam que deveriam festejar São Benedito neste município, porque a imagem do santo, que pertencia aos congos, havia sido levada para lá. É neste momento que

a organização negra e quilombola ligada à devoção a São Benedito, denominada Baile de Congos de São Benedito do Bongado, tem sua primeira cisão, como veremos nos próximos itens.

Baile de Congos de São Benedito do Bongado: memórias, trajetórias e lideranças de Anísio Ribeiro e Wantuil Gomes⁴

Eu tô com minha herança
Foi papai que deixou pra mim.
Tô com minha herança
Foi papai que deixou pra mim.
Êêêê...

(Verso de música cantada por Anísio Ribeiro. Itaúnas, 19/01/2019).

Fontes de conhecimentos tradicionais⁵, mestres, festeiros/as e padrinhos/madrinhas⁶ são os principais responsáveis pela transmissão do saber-fazer do Baile de Congos (ou Ticumbi) de São Benedito do Bongado. Como detentores, eles estabelecem conexão entre o passado e o presente, promovendo a difusão deste bem cultural por meio da manutenção de seus fazeres e da narrativa oral, mantendo vivo o legado de seus antepassados e contribuindo na constante construção da identidade coletiva.

No decorrer de sua trajetória, a devoção a São Benedito, representada por meio do ritual do baile, inclui não somente o ato da encenação da disputa entre os dois reinos, mas também todo um ciclo festivo

⁴ Essa parte 2 do artigo foi elaborada por Luciana Cruz Carneiro.

⁵ Utilizamos a noção de “Conhecimentos tradicionais” a partir de ABREU (2010), que os identifica como conjunto de conhecimentos específicos e singulares, que através do tempo tornam-se bens em territórios e em práticas sociais de determinados grupos étnicos.

⁶ No saber-fazer do Ticumbi do Bongado, diferente dos outros dois grupos de Ticumbi em que se há registro em Itaúnas, os que se doam ao fazer ou contribuem nas recepções e festejos do baile, são chamados de padrinhos, madrinhas ou apoiadores. Nos outros grupos, os que exercem esta função são chamados de festeiros/as.

de visita a devotos, promessas, procissões fluviais e terrestres, além de confecções de instrumentos e instrumentárias.

Toda essa auto-organização se deu ao longo dos séculos por meio de uma rede de detentores com vínculos, em sua maioria, de parentesco. Essas relações históricas e simbólicas de parentesco, de acordo com Thompson (1993, p. 9), são as maiores entre todos os canais, apesar de existirem outras formas de transmissão. No caso do Baile de Congos de São Benedito do Bongado elas potencializam a devoção e aumentam os espaços do baile, de forma que este legado ultrapasse as questões devocionais, contribuindo também com questões étnico-raciais e socioambientais.

Neste contexto, destacamos algumas das trajetórias mais marcantes de mestres, festeiros/as e padrinhos/madrinhas, do passado e do presente, que têm corroborado com a transmissão e valorização desta tradição entre diferentes gerações.

As narrativas orais coletadas em entrevistas destacam memórias de mestres conhecidos por levarem como sobrenomes, o nome de uma comunidade conhecida como Bongado. Segundo os detentores, o nome vem da palavra *Bonga*, de origem quimbundo (kimbundo)⁷, que significa procurar, buscar.

A comunidade fica localizada no sertão de Itaúnas, próxima à antiga fazenda escravista de onde se referem a origem da brincadeira, e concentrou grandes nomes dos “filhos do Bongado”⁸. Pedro Bongado (Pedro José dos Santos), Cassimiro Bongado (Cassimiro José dos Santos), Anísio Bongado (Anísio Ribeiro - filho adotivo de Pedro) e Maria Bongado (Maria Antônia dos Santos Mateus) tiveram seus nomes quase que indissociável ao da comunidade, e tornaram-se os herdeiros do saber-fazer desta brincadeira, como uma hierarquia natural nas relações instituídas.

7 Quimbundo ou kimbundo é uma língua africana ainda falada em Angola.

8 A expressão “filho do Bongado” é utilizada por brincantes para definir todo aquele que iniciou sua jornada na brincadeira a partir do Baile de Congos de São Benedito do Bongado.

Contudo, não funciona como regra, existem outros fatores que contribuem para o reconhecimento da maestria. O que vimos no Ticumbi do Bongado é que seu repasse, foi em sua maioria sendo gradualmente assumido pelos filhos, não só à posição de mestre, mas também no caso de outros personagens conhecidos como congos, secretários e reis, que mesmo sem ter o Bongado vinculado ao nome, deixaram suas contribuições para a transmissão cultural entre as gerações de parentesco, como: Antero (Pulcherio Alves dos Santos), pai do atual mestre do Ticumbi de Itaúnas, João Falcão; Benedito Conceição, pai de Benedito Conceição Filho, mestre do Grupo de Jongo São Benedito e São Sebastião de Itaúnas e brincante do Ticumbi do Bongado; e Nelson Gomes, pai do também mestre do Ticumbi do Bongado e brincante do mesmo grupo de jongo de Itaúnas, Wantuil Gomes.

As memórias familiares são fortes ligações, pois fortalecem os laços culturais como mostra a fala de Benedito Conceição Filho, conhecido também como Bené ou Preto-Velho, sobre a atuação de seu pai como guia da brincadeira. O brincante que ocupa esta função, assume o papel de guiar os demais durante a apresentação do Baile, conduzindo deste modo a maioria dos versos, e assumindo a composição dos mesmos.

Então, meu pai é dessa época, tá! (referindo-se à geração de Pedro Bongado). Ele também era diferenciado, porque ele tinha uma memória muito boa. Ele escrevia o baile de congo assim, ô. O baile de congo ele tirava, né. E tá aqui ó, vocês... vocês vai brincar esse baile de congo aqui. As vez, eu mais Wantuil era parceiro, né!? Ô Wantuil, o baile de congo é esse aqui... mas assim, se eu boto as pessoas de dificuldade de falta de memória, né... Ô, tira uma cópia pra mim pra eu aprender. Mas só que na época de meu pai, não tinha isso. Isso que eu estou te falando, acabei de falar assim. Ô, meu pai tirava o baile de congo, o último baile de congo que ele tirô foi em 82, eu lembro como se fosse hoje. Ele chegava, os menino, o ensaio é hoje, o Wantuil e Preto

Velho, o baile de congo está aqui ó, mas vocês vão lê isso aqui. Wantuil não tinha que falar nada, nem eu. Às vezes Wantuil era meu parceiro, ele falava: É rapaz, seu Benedito tirou esse verso aqui, mas tá meio, mais nós tinha que cantar aquele (Benedito Conceição Filho. Entrevista, 23/11/2019).

A disciplina e a boa memória narradas por Bené coexistem como valores culturais transmitidos entre os brincantes do Ticumbi, tornando-se características fortes entre os que exercem papéis de liderança, como os mestres. Essas relações de parentesco são constantemente revisitadas através da memória pelos mestres, como elemento legitimador do presente. Para Thompson (1993, p 10) “Analisar as histórias de vida tem significado mergulhar num material histórico extremamente rico, que atesta claramente como as dimensões sociais econômicas e psicológicas da transmissão cultural, acham-se inextricavelmente ligadas.”, tornando importante ressaltar essa dinâmica, que contribui na organização social deste grupo.

Essa dinâmica da transmissão cultural dentro das famílias é observada também entre padrinhos/madrinhas e festeiros/as. Eles são importantes personagens que se destacam neste ritual festivo, por contribuírem para a realização desta manifestação devocional a São Benedito. Como apoiadores, sua função é acolher os brincantes do Baile, familiares e demais devotos que se fazem presentes durante as festividades, oferecendo alimentos a todos como um ato simbólico que se espelha a do Santo, que tem em sua atribuição benfeitorias de multiplicação de alimentos. Nesse compromisso do devoto com o santo estão envolvidas também relações de afetos entre padrinhos/madrinhas e brincantes que foram estabelecidas e vem se renovando entre as gerações no Ticumbi do Bongado. A atual responsável pela função de apoiar e acolher esse grupo é uma mulher de características fortes e de um certo prestígio social na vila de Itaúnas, Maria Catarina Paixão Maia. Viúva de Bernabete Maia, sobrinho neto do conhecido

mestre Pedro Bongado, Maria Catarina construiu sua história de devoção a São Benedito junto ao marido, assumindo o legado de madrinha a partir da família de Bernabete, que foi quem deu origem à esta prática devocional e relação de compromisso com o santo e sua comunidade, mantendo vivas as memórias da família a partir desta transmissão cultural. No grupo, ela assume uma posição de matriarca, tendo bastante influência entre os brincantes, em especial sobre os mestres Anísio Ribeiro e Wantuil Gomes.

Anísio Ribeiro, que completou 75 anos em 04 dezembro de 2022, se define como o herdeiro adotivo de Pedro Bongado. Em suas narrativas, que incluem versos e cantorias, ele conduz a história e a tradição do Baile de Congos de São Benedito do Bongado há mais de 50 anos. “Filho de criação de Pedro Bongado”, desde 1 ano de idade, é considerado “o dono da brincadeira” pelos brincantes, após ter assumido o legado de seu pai, junto a seu irmão Cassimiro Bongado.

Violeiro do Baile, tornou-se fundamental para a cultura, por difundir os saberes, e dar visibilidade a este bem cultural através de ações de preservação e ampliação do saber-fazer. Crescido em meio aos saberes do Ticumbi, como ele mesmo afirma: “... fui criado dentro da sala do meu pai com o Ticumbi.” Anísio absorveu desde muito cedo as tradições familiares, assumindo o papel de mestre por volta dos 30 anos. As experiências da infância e a afeição por Pedro Bongado, seu pai, despertaram-no o desejo de continuidade deste legado deixado por aquele que o assumiu como filho. Levando-o a atuar também em escolas do município através do projeto “Cultura nas Escolas”⁹,

9 De acordo com relatos, o projeto “Cultura nas Escolas” existiu por 15 anos, de 2005 a 2020, como resultado de luta da Associação de Folclore de Conceição da Barra em parceria com a prefeitura do município. Com a perspectiva do incentivo à cultura entre as gerações e contribuição para meios de transmissão do saber-fazer, o projeto trabalhou neste período a formação de grupos mirins do Ticumbi, Jongo e Reis-de-boi, através de troca de saberes entre mestres das culturas tradicionais e ações pedagógicas, por meio de auxílio financeiro aos mestres. Contudo, no início de 2020, após problemas políticos envolvendo o prefeito do município que teve seu afastamento da prefeitura solicitado, alguns contratos foram desfeitos, incluindo a da troca de saberes nas escolas proporcionada pelos mestres.

contribuindo para o ensino da cultura do Baile entre as novas gerações. Como mestre, divide a liderança do grupo junto a Wantuil Gomes, a quem confiou a posição, num período em que precisou se ausentar.

Wantuil Gomes entrou no baile de congos para cumprir uma promessa ao santo feita por sua mãe. Neste sentido, o Baile de Congos de São Benedito do Bongado é uma tradição de resistência e de características peculiares que tem atravessado relações familiares. Após anos de transmissão dos saberes, o grupo é hoje conduzido por duas lideranças que possuem em sua subjetividade o compromisso com esse Baile de Congos de São Benedito. Anísio como vimos, mestre herdeiro da brincadeira, assume a liderança não só por devoção, mas estimulado por um desejo de retribuir e dar continuidade ao legado da família, sendo considerado pelos brincantes como “o dono da brincadeira”; Wantuil Gomes, tem seu reconhecimento como mestre pela comunidade interna e externa, por sua dedicação e devoção ao festejo do santo.

Esta relação se deu após um pedido de Anísio para que Wantuil assumisse seu posto, para que ele pudesse se ausentar da vila devido a demandas pessoais. Neste período, Wantuil não mediu esforços para dar continuidade à tradição, entre ensaios e articulações foi dando continuidade à brincadeira, sendo reconhecido por sua dedicação e desempenho, a ponto de mesmo com retorno de Anísio à brincadeira, ele continuar sendo visto como uma liderança dentro do Ticumbi Bongado.

Pescador aposentado, Wantuil é o responsável pela confecção de parte da indumentária dos congos, produzindo de forma artesanal os capacetes usados por todos os integrantes. Além do capacete, as habilidades manuais de Wantuil ajudam a manter uma outra tradição, ele produz um instrumento de percussão conhecido como casaca, ganzá ou canzá, utilizado pelos grupos de jongo de Conceição da Barra, em especial pelo grupo de jongo de São Benedito e São Sebastião de Itaúnas, do qual é integrante.

Em janeiro de 2019, Wantuil e sua esposa Zélia Chaves, que o ajuda nas confecções, ministraram

uma oficina de capacetes do ticumbi na EMEF Benônio Falcão de Gouveia, escola da vila de Itaúnas, para os visitantes da exposição de desenhos e fotografias, “Memorial de Mestres” realizada pelo projeto Africanidades Transatlânticas como homenagem e forma de devolutiva do material de pesquisa à comunidade e aos grupos de Ticumbi e Jongo da região Norte do estado.

O compromisso de Wantuil como devoto a São Benedito o permite realizar um desejo da juventude de ser músico, como guia do baile de congos (ticumbi), função que assume na apresentação, ele é o responsável também pela composição dos versos que são cantados no baile. Anualmente, com base em vivências da comunidade, os versos são reescritos revelando em suas letras um discurso político que abrange o enfrentamento às questões ligadas aos conflitos enfrentados pelos territórios quilombolas e das relações étnico-raciais, nos levando a refletir sobre a importância do ticumbi nas lutas sociais e sua influência na construção de uma identidade coletiva.

A transmissão cultural, como sabemos, não é estática, o que uma geração viveu certamente não será idêntico a outra. Por isso, a devoção ao santo permite que valores do passado sejam compartilhados e ressignificados no presente por meio do ritual festivo do Baile de Congos de São Benedito, fortalecendo e assegurando a transmissão dessa prática cultural, superando os desafios surgidos na contemporaneidade e permitindo a transmissão dos saberes às novas gerações.

A festa do Baile de Congos de São Benedito do Bongado ocorre atualmente na vila de Itaúnas durante os festejos dos denominados “Grupos de Folclore de Conceição da Barra”. O encontro geralmente acontece no final de semana mais próximo a 20 de janeiro e reúne os quatro grupos de Ticumbi de Conceição da Barra, além de diversos outros grupos de culturas tradicionais que se encontram para festejar a São Benedito e a São Sebastião, padroeiros dos grupos e das comunidades que se reúnem no templo católico da vila. O evento movimenta boa parte dos

moradores de Conceição da Barra e São Mateus, município vizinho. O evento é organizado pela Associação de Folclore de Conceição da Barra com apoio da prefeitura do município e da Secretaria de Estado da Cultura (Secult) e revela uma organização local que narra a história através da memória dos lugares de origem da brincadeira.

O Ticumbi do Bongado se prepara para os festejos cerca de três meses antes do dia do Baile, que para eles, em 2019, aconteceu no dia 20 de janeiro. Como ponto alto da festa, com cerca de duas horas de duração, o momento exige muito preparo e disciplina dos brincantes, que repassam diversas vezes as falas dos versos, a dança, e a encenação da disputa.

A festa do Ticumbi do Bongado possui cinco momentos de maior destaque: 1º) Ensaio Geral; 2º) descida de canoa pelo rio Itaúnas; 3º) procissão terrestre pelas ruas da vila; 4º) o Baile.

Ensaio Geral - ele ocorre geralmente na casa ou local cedido pela festeira/madrinha ou apoiadores, na noite do dia 18 de janeiro (no ano de 2019), se estendendo até a manhã do dia seguinte. Nele, o grupo repassa cada passo e parte da apresentação do baile. O Ensaio é aberto à comunidade, pesquisadores e turistas que enchem o lugar. Neste dia a festeira/madrinha ou apoiadores desempenham um importante papel, dando suporte com alimento e bebida aos brincantes. Após o ensaio, ocorrido em um lugar conhecido como comunidade Santa Isabel, no Sertão de Itaúnas, todos permanecem no local que é animado com músicas até a manhã do dia seguinte.

A descida de canoa pelo rio Itaúnas aconteceu, em 2019, no dia 19 de janeiro. Ela anuncia o término do Ensaio Geral que ocorre com agradecimentos à festeira/madrinha e apoiadores, seguido pela procissão fluvial que sai de um antigo porto, conhecido como Porto de São Benedito, situado na Fazenda do Cabral, um pouco abaixo da comunidade Santa Isabel. A procissão segue por cerca de 30 minutos até a ponte que liga a vila antiga à atual vila de Itaúnas. A embarcação é composta pela junção de 3 canoas improvisadas, que são ornadas com flores de papel cre-

pom e fitas de cetim. O trajeto de canoa é restrito ao grupo e a pouquíssimos convidados devido à limitação do espaço. Mais uma vez os caminhos até o Baile marcam lugares de grandes transformações sociais que influenciaram na trajetória do grupo, o término da procissão acontece com a chegada na ponte que liga a antiga vila (soterrada por dunas de areia devido a um crime ambiental) à nova vila, local de recomeço da comunidade.

O terceiro momento de destaque é a procissão terrestre pelas ruas da vila, que dá sequência à procissão fluvial. Ela sai da ponte até a igreja de São Sebastião, localizada na praça central da vila. Esta procissão é carregada de elementos simbólicos constituintes da história do grupo que inclui a disputa pela imagem de São Benedito feita em madeira cedro presenteada aos africanos e negros escravizados da Fazenda Itaúnas, que deram origem à prática do Ticumbi do Bongado. Após a chegada da canoa, quatro imagens, sendo três de São Benedito e uma de São Sebastião se encontram e seguem lado-a-lado à frente da procissão, junto à porta estandarte do grupo, conduzindo o cortejo até a frente da igreja. Aqui, um outro momento de bastante relevância ocorre, o grupo entra na igreja de São Sebastião e declama cantos e preces aos santos, num ato de demarcação de espaço. Parte de alguns conflitos que ocorreram ao longo dos anos de existência do Baile de Congos de São Benedito do Bongado, envolve a imagem de São Benedito retirada da igreja católica da vila na década de 1960, após um religioso proibir a permanência de imagens de santos negros na igreja católica local, resultando em ação de posse da imagem registrada em cartório por um delegado de polícia, e cisão do grupo, surgindo dele, como veremos adiante, o Baile de Congos de São Benedito de Itaúnas.

O baile de congos propriamente dito, que consiste no que os congos chamam de representação, é o ponto alto da festa que, no ano de 2019, ocorreu na manhã do dia 20 de janeiro. No contexto histórico, social e político, do passado e do presente, ele representa a guerra entre dois reinos africanos, o de

Bamba e o de Congo, e as lutas e devoções dos povos negros deportados para o Brasil.

João de Deus Messias Falcão: da herança do mestre Antero à sucessão atual no Baile de Congos de São Benedito de Itaúnas¹⁰

João de Deus Messias Falcão nasceu em 09 de março de 1949, filho de Pulchério Alves dos Santos, conhecido como Antero, e de Sidalina Falcão dos Santos, ambos já falecidos. João é casado com Ana Maria Falcão, com quem tem seis filhos/as, quatro homens e duas mulheres, dos quais dois participam do Baile de Congos. Até o ano de 2020 João era o mestre do Baile de Congos de São Benedito de Itaúnas, grupo que foi criado e liderado por seu pai, mas neste ano ocorreu a sucessão da liderança do baile para seu filho.

Segundo sua narrativa, ele começou a brincar como *congo* aos 14 anos no Baile de Congos de São Benedito do Bongado, onde seu pai também participava. Afirma que Pedro Bongado, que era o antigo mestre deste baile, ainda na antiga vila de Itaúnas onde o baile realizava suas “representações”, teria transmitido à vice-liderança do grupo ao seu pai. Com a morte de Pedro, sem consolidar a transmissão da liderança, o grupo do Bongado teria ficado um tempo sem mestre, e Antero passou a liderá-lo, mas devido aos desentendimentos relacionados à sucessão neste cargo, aliado ao soterramento da antiga vila e aos deslocamentos de parte dos congos para realizarem “representações” no município de Pedro Canário, Antero se recusou a festejar São Benedito em outro município, saiu do Bongado e resolveu criar o Baile de Congos de São Benedito de Itaúnas, na atual vila.

A partir de então, Antero e integrantes da família Falcão, bem como seus aliados, demarcaram culturalmente o território da nova vila, realizando ali festas para São Benedito, onde construíram uma pe-

quena capela para esse santo, e passaram a fincar na praça central da vila um mastro para São Sebastião.

Após a morte de Antero, a liderança do grupo foi assumida por seu filho João de Deus Falcão, que, no baile, desempenha também o papel do Rei de Congo, pois, segundo afirma, é este rei que “manda no baile”. Relata que primeiro foi congo, segundo foi secretário do Rei de Congo e depois chegou a Rei de Congo. Em uma supervalorização de um dos símbolos do baile, afirma que a espada que usa ali tem 300 (trezentos) anos, mas só depois de sua explicação entendemos que esse tempo se refere aos símbolos espadas enquanto instrumentos de guerra, pois argumenta que as espadas do passado pertenceram ao seu avô paterno e que as atuais pertenceram ao pai de um antigo prefeito de Conceição da Barra, que foram doadas a Antero. Esse avô paterno era Messias Falcão, casado com Maria Clara Gouvêa, e juntamente com o irmão dele Reinaldo Falcão, faziam parte do Baile de Congos de São Benedito do Bongado, dos quais também se considera herdeiro, inclusive do nome Messias.

Em 2020, segundo João, o Ticumbi de São Benedito de Itaúnas está com mais de 50 anos, pois foi criado na antiga vila e que ele também, atual mestre, está com mais de meio século como brincante de São Benedito. Afirma que atualmente conduz o baile para honrar e prestar continência à memória de seu pai, porque Antero liderava o baile de forma rigorosa, como se estivesse trabalhando profissionalmente. Posteriormente, um dos festeiros do baile e o próprio João, explicaram que tal rigor e a noção de trabalho relacionada ao baile, estavam associados aos compromissos espirituais que Antero havia assumido com divindades de matriz africana na defesa do baile, pois Antero frequentava rigorosamente a um terreiro em Nova Viçosa, no sul da Bahia. Por isso, realizar ensaios e o próprio baile são entendidos por João como “trabalhar para o santo” e, desde a época de seu pai, ao chegar a data e o horário dos ensaios, não importa o número de congos que esteja presente, os ensaios são realizados.

Ao falar da relação do baile de congos com as comunidades quilombolas, o mestre afirma que o baile é difícil porque foram os negros que trouxeram da África e que “o baile de congos pertencia aos negros escondidos”, isto é, que viviam no sertão de Itaúnas. Por isso, afirma que o Ticumbi é difícil, tem segredos e que preparar um secretário e um rei, seja de Congo ou de Bamba, demanda tempo para que estejam prontos para atuarem no Baile de Congos de São Benedito.

Quanto à sua sucessão no grupo, afirma que seu filho mais novo, um jovem que brinca desde os 13 anos, que no baile atua como secretário do Rei de Congo, poderá ter o mesmo destino do pai, pois está preparado e tem responsabilidade para ser um bom mestre. Cabe lembrar que, conforme observamos nos ensaios gerais e nos bailes apresentados em janeiro de 2019, 2020 e 2023, este grupo, em número de 18 (dezoito) integrantes, conta com jovens em sua maior parte. Em janeiro de 2020, no decorrer da missa de São Benedito, João Falcão apresentou sua aposentadoria na liderança do baile e anunciou seu filho caçula como o novo mestre. O padre Dário Silva realizou uma bênção especial ao novo mestre, solicitando que São Benedito e Jesus Cristo fossem seus guias.

O ensaio geral do grupo ocorre todos os anos na noite de quinta para sexta-feira que mais se aproxima às festas de São Benedito e São Sebastião, respectivamente, 19 e 20 de janeiro, no sítio do senhor Rives Campos e de dona Beatriz Campos Souto, distante cerca de 10 quilômetros da vila de Itaúnas, onde reúne mais de duas mil pessoas. Observamos os ensaios que ocorreram nas noites de 17 para 18 e de 16 para 17 de janeiro nos anos 2019 e 2020, e na noite de 19 para 20 de janeiro de 2023. Nele, além das comidas e bebidas comercializadas nas barracas instaladas por integrantes da família de Rives, e sob a liderança da família do mestre João Falcão é servido um jantar, em que o prato principal é um churrasco de carne bovina. Para tanto, segundo o mestre, além dele e sua esposa desembolsarem parte dos valores retirados de suas aposentadorias, ele recorre ao au-

xílio de pousadas da vila e de amigos, que colaboram para a compra da carne.

Na manhã seguinte à noite do ensaio geral, por volta das 07 horas, o grupo deixa o sítio e desce o rio Itaúnas em barcos levando a imagem de São Benedito, chegando à vila por volta das 08 horas, onde realizam cortejo pelas ruas levando a imagem, cantando, tocando pandeiros e soltando fogos para o santo. Entram na igreja de São Sebastião, onde prestam sua homenagem, e, em seguida, o cortejo segue para a capela de São Benedito e ali deixam a imagem do santo preto. No mesmo dia 18 de janeiro de 2019, por volta das 17 horas, o grupo fez novo cortejo saindo da capela de São Benedito levando a imagem de São Benedito e o mastro com uma bandeira de São Sebastião, fincaram o mastro na praça central de Itaúnas, onde hastearam a bandeira do santo. Em 19 de janeiro do mesmo ano, um dia antes da festa de São Sebastião, ao lado da pequena capela, há mais de 50 anos vem sendo celebrado o Baile de Congos de São Benedito e há cerca de 20 anos é celebrada a missa do mesmo santo. Para celebrar tal missa, a família Falcão estabeleceu um acordo com o padre negro Dário Silva, Salesiano, que comparece todos os anos para realizar tal celebração e apoiar o grupo de devotos do santo preto.

Segundo João Falcão, na antiga vila que foi soterrada, nas datas de 17, 18 e 19 de janeiro, ocorria a celebração liderada pelo Baile de Congos de São Benedito do Bongado, inclusive a fincada do mastro no dia 18 era do referido grupo. No entanto, ao passar a celebrar no município de Pedro Canário, deixou um vácuo na nova vila que foi ocupado pelo grupo recém-criado, denominado Ticumbi de São Benedito de Itaúnas. Um dos símbolos que demarcou a memória da antiga vila como um lugar dessa celebração do Baile de Congos de São Benedito do Bongado, foi o mastro que ficou soterrado e por muitos anos apenas uma parte de sua ponta aparecia sobre a superfície da areia. Podemos dizer, nos termos de Pollak (1989), que esse é mais um dos elementos metafóricos da memória subterrânea dos congos e de seus fami-

¹⁰ Essa parte 3 do artigo foi elaborada por Osvaldo Martins de Oliveira.

liares em Itaúnas que não desapareceu e nem foi esquecida, mas que em momentos propícios vem à superfície por meio de criações poéticas. Parte dessa criatividade poética pode ser verificada no verso da música a seguir:

Ôh na descida da canoa, eu vi uma linda igreja.
Na descida da canoa, eu vi uma linda duna.
É São Benedito do Ticumbi lá de Itaúna,
É São Benedito do Ticumbi lá de Itaúna! Êêê...

O Baile de Congos de São Benedito do Angelim e as memórias do mestre Caboclinho¹¹

“O ticumbi é uma tradição na vila. O ticumbi pra nós é uma religião! Então, eu acho que isso aí a gente tem que preservar. Porque é uma brincadeira muito séria” (Caboclinho, Itaúnas. Entrevista, 16/12/2018).

Desde 2005, ano de criação do Baile de Congos de São Benedito do Quilombo do Angelim, Caboclinho (Angelo Camillo) é seu mestre. Ele nasceu em 26 de abril de 1940, na vila de Itaúnas e, segundo afirma, ali sempre viveu, e onde desde os 12 anos “pratica a brincadeira do ticumbi” (nome popular do baile de congos).

Antes da criação do grupo liderado por ele, Caboclinho afirma que brincava no Baile de Congos de São Benedito do Bongado, que é o baile mais antigo de Itaúnas que, segundo ele, teria nascido no século XIX, no sertão e na antiga Fazenda do Barão de Timbuy, sob a liderança do mestre Rafael, um africano, e que, após a morte desse mestre, até meado do século XX, foi liderado por Pedro Bongado. Com o falecimento de Pedro, Pulchério Alves dos Santos (conhecido como Antero) criou o Baile de Congos de São Benedito de Itaúnas, onde Caboclinho brincou

até a morte de Antero. Após a morte do mestre Antero, Caboclinho voltou para o Baile de Congos do Bongado, onde ficou pouco tempo e a partir de então resolveu criar o Baile de Congos de São Benedito do Quilombo Angelim.

Quanto aos lugares e personagens relacionados às lembranças mais antigas sobre o baile de congos, verificamos que, segundo as memórias de Caboclinho, o primeiro mestre do Baile de Congo de São Benedito que surgiu na fazenda do Barão de Timbuy foi o africano Rafael, que também foi o guardião da imagem de São Benedito e do sino da capela do santo que existia na fazenda. Com o fim da escravidão, o mestre Rafael teria entregue a guarda do santo e do sino para uma jovem chamada Mariana, que era sua namorada. Mais tarde Mariana os entregou para a capela que existia na antiga vila de Itaúnas. Por isso, o Baile de Congos que teria começado na senzala da Fazenda Itaúnas, tendo São Benedito como seu protetor, posteriormente, continuou com os quilombolas liderados pela família Bongado no sertão de Itaúnas que, por sua vez, realizavam “representações da brincadeira” em frente à capela da antiga vila, para onde foi levada a imagem do santo negro.

Quanto à relação de seus antepassados com os antigos escravizados na fazenda do Barão do Timbuy, Caboclinho afirma que embora seu pai fosse descendente de imigrantes italianos, sua mãe era negra e que sua avó materna, assim como suas tias avós, foi escravizada na referida fazenda. Afirma que, após o fim da escravidão, seu pai e seus tios paternos migraram para as terras da antiga Fazenda Itaúnas, e passaram a brincar no Baile de Congos de São Benedito do Bongado, resultando daí o namoro e o casamento entre seu pai e sua mãe.

O mestre entende que o ticumbi é uma brincadeira que exige dedicação e disciplina para aprender as partes das quais é composta, as embaixadas e as cantigas acompanhadas ao ritmo e ao som da viola. Lembra que no passado, no Baile de Congos do Bongado, além da viola e dos pandeiros, existiam outros instrumentos musicais, como a sanfona (que era to-

cada por seu tio Manoel) e o cavaquinho, que era tocado por Fernando do Caetaninho.

O mestre caboclinho, apesar de entender que **as mudanças** ocorridas na vida cultural da vila como inevitáveis, alimenta um forte saudosismo das tradições tais como ocorriam em sua juventude. A esse respeito, cabe observar que as mudanças nas tradições culturais fazem parte de uma dinâmica que é própria das relações estabelecidas entre as situações locais e as realidades translocais. Por isso, enfatizamos 05 (cinco) aspectos que provocaram mudanças nos modos de vida e na cultura das comunidades quilombolas do Sapê do Norte, nas quais se inserem as famílias que vivem no sertão de Itaúnas e aquelas que foram expulsas de seus territórios para viver na vila e nas periferias de Conceição da Barra e São Mateus.

1º) Por ser uma cultura tradicional dos pretos pobres e quilombolas do meio rural, Caboclinho entende que “na roça” havia maior interesse, que no meio urbano, dos jovens em aprender o Baile de Congos de São Benedito. Afirma que na época de Pedro Bongado, a tradição era que todos os ensaios deveriam ocorrer “na roça” ou “no sertão”, inclusive o Ensaio Geral (último ensaio), e os lugares desses ensaios eram as casas dos devotos. A tradição era que os devotos donos das casas deveriam oferecer comida e café aos congos (brincantes) e, no Ensaio Geral, geralmente tinha muita contação de histórias e forró.

2º) As mudanças nesses modos de vida e tradições culturais foram provocadas por outras transformações socioeconômicas translocais decorridas de grandes projetos e empreendimentos econômicos no norte do Espírito Santo, como as monoculturas de eucaliptos e de cana para a produção de álcool, que tiveram fortes impactos nas tradições culturais dos quilombolas, entre as quais nos Bailes de Congos de São Benedito (Ticumbi).

3º) As transformações têm ocorrido devido aos processos de interação social e à intromissão de agentes políticos e econômicos externos no meio ambiente e nas tradições culturais locais. Tais agentes, segundo o mestre, desprezam as tradições festivas locais e não

levam em consideração os modos de acolhimento dos grupos que animam a vila nos dias da festa.

4º) O mestre entende que devido às transformações advindas com as tecnologias dos aparelhos celulares, que possibilitou o acesso às redes sociais, os jovens e crianças da vila não têm mais interesse em participar e aprender os saberes tradicionais relacionados ao Baile de Congos de São Benedito, que, apesar de ser chamado de “brincadeira”, requer dedicação e compromissos sérios para aprender, e os saberes e a devoção religiosa que estavam relacionadas a São Benedito e ao seu baile de congos, segundo seu ponto de vista, perdeu o sentido para as novas gerações. Por isso, as crianças e os jovens preferem participar de práticas culturais como as chamadas “rodas” de capoeira e de jongo, que são organizadas de forma mais flexível que os bailes de congos.

5º) O baile de congos é um ritual que tem dimensões políticas, pois em suas embaixadas (discursos dos reis e secretários) denunciam os acontecimentos que provocaram mudanças na vida das comunidades locais e que seus integrantes não concordam, como, por exemplo, a morosidade no asfaltamento da estrada que liga a sede de Conceição da Barra a vila de Itaúnas, que teve início em 2016 e até o início de 2023 ainda não estava totalmente concluído.

O mestre defende que só quem participa e conhece as culturas locais por longos anos percebe as mudanças ocorridas nelas, tanto as de ordem material, quanto imateriais. Em 2019, seu baile de congos contava com 16 integrantes, faltando dois para estar completo e, devido ao fato de estar de luto pela morte do irmão do mestre, o baile realizou apenas uma breve apresentação na festa de Itaúnas.

O mestre entende que “brincadeiras tradicionais”, como os bailes de congos, necessitam de mais apoio dos órgãos públicos responsáveis pela cultura, inclusive destinados aos Ensaios Gerais, transportes, aquisição de instrumentos musicais, indumentária e decoração dos lugares das festas. Alega que para manter o seu baile de congos funcionando, paga de seu próprio bolso despesas de deslocamento dos

¹¹ Essa parte 4 do artigo foi elaborada por Osvaldo Martins de Oliveira.

componentes que moram na cidade de Conceição da Barra, e justifica sua ação no fato de ser “um devoto do santo” e gostar de fazer o baile dele.

Em 2019, existiam dois filhos e dois netos do mestre no baile. Relatou-nos ser o baile uma herança que recebeu e que seu projeto era transmitir, ainda em vida, a liderança do mesmo a um de seus filhos. Em 2020, um desses filhos veio a falecer de forma trágica e o sucessor, ao que verificamos em janeiro de 2023, ainda não apareceu.

Festeiras/os e as motivações de seus ofícios¹²

As/os festeiras/os e alguns brincantes tradicionais da vila de Itaúnas e das comunidades quilombolas têm em comum o fato de compartilharem os motivos pelos quais se tornaram festeiras/os e brincantes: eles/as e/ou seus filhos ou parentes próximos foram acometidos por algum tipo de enfermidade e fizeram promessas, estabelecendo algum pacto com São Benedito, que se eles/as ou seus parentes ficassem curados se tornariam festeiras/os do santo enquanto pudessem e/ou vivessem. Como acreditam que seus pedidos foram e são atendidos e continuam recebendo sempre mais do que retribuem ao santo, permanecem atuando como festeiros/as nos Bailes de Congos de São Benedito. Cabe destacar que alguns festeiros são também brincantes no baile, como é o caso de João de Deus Messias Falcão, mestre do Baile de Congos de São Benedito de Itaúnas. Dentre os que estamos chamando de festeiras/os tradicionais estão os antigos moradores/as da vila e do sertão (meio rural e das comunidades quilombolas) de Itaúnas e são eles que estabelecem acordos com o santo.

Entre os/as festeiros/as tradicionais estão alguns nomes como: 1º) o casal Rives e Beatriz Campos Souto, proprietários de um sítio localizado a cerca de 10 km de Itaúnas, onde ocorre o Ensaio Geral do Baile

de Congos de São Benedito de Itaúnas, quando atuam como festeiros do santo; 2º) O casal João de Deus Falcão e Ana Maria Falcão, sendo ele também mestre do Baile de Congos de São Benedito de Itaúnas, que atuam como festeiros no Ensaio Geral e no almoço do dia do Baile de Congos propriamente dito; 3º) Maria Catarina Paixão Maia, moradora tradicional da vila, que é proprietária de um sítio no sertão de Itaúnas, e que é responsável para servir o jantar do dia do Ensaio Geral do Baile de Congos de São Benedito do Bongado e o almoço do dia da “representação” do baile na vila. Maria Catarina se define também como madrinha do grupo.

Entre os/as festeiros/as não tradicionais estão pessoas que mudaram para Itaúnas nos últimos 20 anos e que se integraram à vida sociocultural da vila atuando na colaboração com alimentos, transporte e/ou em ações sociais e políticas em favor de alguma melhoria aos moradores tradicionais e para a vila como um todo. Entre esses/as festeiros/as estão: a) o casal Anderson Lima e Simone Machado, que atuam cedendo o espaço de sua casa e quintal para os ensaios do Baile de Congos de São Benedito de Itaúnas e servem o jantar no dia do baile propriamente dito; b) Maria Inês Loureiro, assistente social e militante política, que mora na vila, e que atua como festeira servindo o jantar ao Baile de Congos de São Benedito do Quilombo Angelim, liderado pelo mestre Caboclinho, conforme observamos em janeiro de 2019.

Os integrantes das comunidades tradicionais do entorno da vila têm motivações baseadas em devoções religiosas para atuarem como festeiros/as, em função de suas crenças nos poderes de São Benedito. Por outra perspectiva motivacional, o grupo dos festeiros/as que vive na vila a pouco tempo tem construído suas motivações baseadas na militância política em defesa do meio ambiente e na solidariedade social com os festeiros e brincantes tradicionais do santo, que são trabalhadores rurais, pescadores e aposentados.

Considerações¹³

Desde a década de 1990, as pesquisas sobre quilombos no norte do Espírito Santo (OLIVEIRA, 2002) vêm obtendo relatos de mestres e lideranças locais do que pode ser definido como uma consequência histórica de políticas públicas para impactarem negativamente as comunidades quilombolas. Narradores/as relataram que na década de 1940, o Estado passou a pressioná-los e a exigir que as famílias realizassem a aquisição junto às agências do próprio Estado das terras devolutas sobre as quais viviam. Os que não dessem conta de tal aquisição deveriam liberar as terras para que outros interessados realizassem tal aquisição. Nisto, muitas famílias quilombolas, que viviam nas mesmas terras desde as gerações de seus bisavós e avós tiveram as primeiras expropriações das terras tradicionalmente ocupadas. Isso foi o que aconteceu com muitas famílias quilombolas que viviam no sertão de Itaúnas na segunda metade do século xx.

Na década de 1960, conforme relatam os mestres, passam a se instalar na região norte do ES, as empresas de plantio e monocultivo de eucaliptos. Essas empresas, por meio de atravessadores contratados, pressionavam as comunidades a venderem suas terras. Em muitos casos, os atravessadores nas relações de compra e venda, realizavam compras das famílias pela manhã e à tarde transferiam para as empresas de cultivo de eucaliptos.

Nas décadas de 1980 e 1990 ocorreram os avanços das empresas de cultivo de cana e, em seguida, vieram as instalações das usinas de produção de álcool. Muitas dessas empresas passaram a propor o arrendamento das terras das famílias quilombolas, o que ocorreu principalmente no município de Conceição da Barra. Tanto o eucalipto quanto a cana devastaram as matas da região, provocando uma desertificação humana e ambiental, afetando o sistema de abastecimento de água e a produção de alimento das comunidades quilombolas, forçando-as,

cada vez mais, a deixarem seus territórios. Com isso, as comunidades que viviam no “sertão” tiveram seus modos de vida e modos de celebrações festivas afetadas, como verificamos nas memórias de nossos narradores.

Antes de perderem suas terras, as famílias que viviam no “sertão” mantinham costumes tradicionais de criação de animais como porcos e gado soltos em seus territórios. A perda dessas terras teve consequências na dieta e alimentação das famílias, bem como em seus costumes relacionados às festas e ladainhas religiosas, onde eram oferecidos como alimentação aos congos carnes de porco e de gado. Como verificamos nas memórias dos mestres, as migrações forçadas para os meios urbanos tiveram impactos nas festas, pois atingiram os ensaios dos bailes de congos de São Benedito que ocorriam nas residências das famílias que viviam no meio rural no “sertão de Itaúnas”, onde se deslocavam montados em novos de animais e/ou a pé.

As memórias dos mestres remetem também para objetos, instrumentos musicais, imagens de santo, sinos de igreja, mastro e símbolos usados por seus pais, avós e tios. As espadas, que pertenciam ao pai de um dos mestres, foram exibidas com orgulho por ele. Objetos, imagens, pinturas, fotografias e pinturas que pertenceram aos seus pais, agora são interpretadas como tesouros do passado guardados como meio de conexão entre os congos do presente e do passado. Alguns desses símbolos, juntamente com outros como as coroas, capacetes e imagens do santo preto (São Benedito) e parte da indumentária do grupo, ficam guardados na capela de São Benedito e nas casas dos devotos guardiões das imagens. A capela de São Benedito e o seu entorno também podem ser interpretadas como lugares de memória e de práticas culturais dos grupos, pois ali guardam também o mastro e, como dissemos, celebram o baile de congos do Ticumbi de Itaúnas. Neste ano de 2023, um fato novo ocorreu neste lugar de memória e celebrações, pois, a convite do novo mestre do Baile de Congos de São Benedito de Itaúnas, os integran-

¹² Essa parte 5 do artigo foi elaborada por Osvaldo Martins de Oliveira.

¹³ Elaboradas por Osvaldo Martins de Oliveira.



tes do Baile de Congos de São Benedito do Bongado encerraram sua procissão e celebração de descida do rio Itaúnas nessa capela.

As cantigas dos grupos, as fotografias e peças das indumentárias guardadas pelos mestres são disparadoras da memória, pois para os moradores da atual vila, algumas dessas cantigas funcionam também como elementos acionadores e exumadores de fatos, lugares e pessoas que existiam na antiga vila soterrada. Os momentos de reuniões coletivas para os ensaios dos bailes, da descida em canoas pelo rio Itaúnas e do cortejo pela vila levando as imagens dos santos (São Benedito e São Sebastião) são acionadores de memórias-saberes herdados de seus antepassados, pois as emoções vividas nesses momentos re-

metem os congos mais velhos e seus familiares para um encontro com as memórias emotivas e afetivas com seus avós, pais e tios levando-os à criatividade e aos fazeres poéticos ou a lembrarem das criatividades de seus antepassados.

Referências

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. DP&A: RJ, 2010.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida** - a pesquisa e seus métodos. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- GUIMARÃES, Aissa Afonso; OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. **Jongos e Caxambus**: culturas afro-brasileiras no Espírito Santo. UFES-Proex: Vitória – ES, 2017.
- MAXIMILIANO, Príncipe de Wied Neuwied. **Viagem ao Brasil**. São Paulo: Nacional, 1940.

NORA, Pierre. Entre Memória e História, a problemática dos lugares. Tradução Yana Aun Khoury. In: **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História. Programa de Pós-Graduação de História da PUC-SP. v. 10 (1993) ISSN 2176-2767 disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/issue/view/851/showToc>

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de; OLIVEIRA, Rosa Maria de. **Baile de Congos de São Benedito e seus mestres**: Tradição cultural, memória e reexistência. **SIMBIÓTICA**, v. 9, p. 99-121, 2022. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/39247>

OLIVEIRA, Osvaldo M. Quilombos e demarcadores de identidades: análise sucinta de três casos no estado do Espírito Santo. **Ambivalências**, vol. 4, 2016, p. 10-41. Disponível em <http://www.seer.ufes.br/index.php/Ambivalencias/issue/view/475>

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. Ticumbi: o Baile dos Congos para São Benedito. In: OLIVEIRA, Osvaldo Martins de (Org.). Cleber Maciel. **Negros no Espírito Santo**. 2ª ed. Vitória, (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. P. 215-220. Disponível em: https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/MioloLivroNegros_FINAL_BAIXA.pdf.

OLIVEIRA, Osvaldo M (org.). **Culturas Quilombolas do Sapê do Norte**: Farinha, beiju, reis e bailes dos congos. Vitória (ES): Editora Santo Antônio, 2009.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, RJ, vol. 5, n. 10, 1992: 200-212.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, RJ, vol. 5, n. 10, 1989, p. 3-15.

RUSO, Maria do Carmo de Oliveira. **Cultura política e relações de poder na região de São Mateus**: o papel da Câmara Municipal (1848/1889). Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do CCHN/UFES. Vitória, ES: 2007.

THOMPSON, Paul. A transmissão cultural entre gerações dentro das famílias: uma abordagem centrada em histórias de vida. In: DINIZ, Eli; LOPES, J.S; LUÍZ; PRANDI, Reginaldo (org.). **Ciências Sociais hoje**. São Paulo: ANPOCS/HUCITEC, 1993. p. 9-20.